



Universidade de Brasília

Perspectiva do uso pronominal na linguagem religiosa

Perspectiva do uso pronominal na linguagem religiosa a partir da leitura e realização de resenha crítica do texto de Mary A. Kato "**A gramática do letrado: Questões para a teoria gramatical**", estudo da Nova Gramática: do português contemporâneo de Celso Cunha & Cintra e análise de textos religiosos, apresentada para a disciplina **Seminário de Português**, no curso de **Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília -UnB**

Aluno(a): Esiele P. dos Santos

Matrícula: 17/0141250

Profa. Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles

Dedico este trabalho de conclusão de curso em primeiro lugar a Deus, à mim por ter alcançado certo nível de resiliência possibilitando a finalização deste trabalho, à minha família, e à minha professora orientadora Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles por sua dedicação e paciência para orientação e apoio durante o desenvolvimento e finalização do meu trabalho

“Tudo no mundo começou com um sim.”
Clarice Lispector

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa criar hipóteses e levantar questionamentos válidos acerca da imersão de um aprendiz em um ambiente com contexto escrito e falado em seguimento de utilização de colocações pronominais com casos de variações do uso da Próclise, alternando o ambiente cultural do indivíduo, podendo ser aqui, abertura para estudos críticos e dedicados com possibilidade de levantamento de dados consistentes que possam confirmar ou empecer suposições e hipóteses aqui apresentadas com ênfase no uso dos clíticos em pleno século XXI, rememorando o uso dos clíticos do português europeu e por vezes mesclando com o uso inovador no português brasileiro.

1) RESENHA

1.1) A GRAMÁTICA DO LETRADO: QUESTÕES PARA A TEORIA GRAMATICAL

Em “A Gramática do Letrado: Questões para a Teoria Gramatical”, Mary A. Kato analisa o processo de aquisição da fala e a aprendizagem da escrita, apontando a diferenciação do processo de aquisição da fala e da escrita, comparando o processo à aprendizagem de uma segunda língua. Diante da variedade de estudos linguísticos a respeito da aprendizagem escrita e da gramática vernacular do português brasileiro, observou-se a divergência no alinhamento do segmento de estudos pelos estruturalistas e os gerativistas de forma a não ser possível um trabalho de estudo sistemático caminhando, no Brasil, para a noção de que os processos de aquisição da fala e da escrita realmente são processos distintos, necessitando portanto de metodologias diferentes.

Quanto à natureza do conhecimento linguístico do letrado, Kato apresenta a hipótese de que esse conhecimento pode divergir da aquisição passada ao longo dos anos ou da interferência cultural entre países, com base na linguística entre países com ligação a Portugal. Analisa ainda que esse conhecimento é atingido através do acesso indireto, pela primeira gramática, da língua falada.

Com base nos estudos de Chomsky, Kato retrata que para ele existem as definições de Língua-I e de Língua-E em que a Língua-I significa interna, intencional e individual e Língua-E é externa, extensional. Para a aquisição da primeira, depende do “input” em que a criança for exposta.

A gramática nuclear surge quando os parâmetros estão selecionados, uma idealização, podendo esta estar abaixo de outras línguas-I, considerando que a variedade de processos a que cada indivíduo é exposto pode variar sendo acolhida numa periferia marcada.

Para a autora a criança chega à escola com a gramática nuclear definida já na visão de Chomsky a aquisição é um processo instantâneo já para psicolinguistas a criança leva de 5 a 6 anos para desenvolverem (cf. entre outros Borer & Wexler, 1987).

A criança brasileira de acordo com a autora, não apresenta a construção de uma língua de Sujeito Nulo, principalmente com o fortalecimento do pronome *você* e o apagamento do *tu*, a flexão de concordância foi se esvaindo no decorrer do tempo.

Ainda é possível conforme o texto, a variedade na exposição oral como na escrita, perceber que a exposição em que a criança esteve em seu desenvolvimento pode variar de criança para criança, como por exemplo a exposição a contos de reis e rainhas ou até mesmo a Bíblia, podem constituir um conhecimento periférico de sujeitos nulos e no segundo caso inversões de Verbo/Sujeito, comuns em narrativas formais e conservadoras.

1. “ \emptyset_i estarei às suas ordens / \emptyset_i sois minha rainha.”

2. “Naquele tempo disse Jesus a seus Apóstolos...”

Perda da concordância e a referência de sujeito selecionada, Perda de concordância e suposta reanálise através de algo como uma construção impessoal no Português Brasileiro, como no francês (*il est arrivé des hommes*) (Kato, 2002) e objetos nulos referenciais são características observadas:

(1) a. **Eu** queleu.

b. O papai disse que **ele** vem.

(2) **Chegou** os ovos.

(3) a. Eu encontrei \emptyset_i na rua.

b. Eu quero \emptyset_i

Para Kato, Cyrino e Correa (1994), através de estudos com dados perpendiculares entre diacronia e aprendizagem escolar nota-se a possibilidade de que a escola tenha o papel de resgatar perdas linguísticas, visto que no processo de aquisição da fala o indivíduo obteve liberdade e inovações. Em que no estudo diacrônico prévio percebeu-se a perda dos clíticos de 3ª pessoa ao longo do século XIX, apresentando o objeto nulo como referencial, em seguida perdeu o sujeito nulo e o movimento longo do clítico, tornou a forma pronominal de caso reto como acusativo:

(5) a. Comprei o peixe sem examiná-lo.

b. Comprei o peixe sem examinar \emptyset_i

(6) a. João não me tinha cumprimentado.

b. João não tinha me cumprimentado.

(7) Eu vi ele saindo.

Após verificações das autoras de como a escola estava resgatando as perdas diacrônicas dos clíticos de 3ª pessoa, percebeu-se que houve apenas um resgate parcial, visto que a posição do clítico é inovadora, não aparecendo críticos antes do auxiliar. Da mesma maneira que a ideia de que o escritor brasileiro recebe a inferência da gramática do falante português contemporâneo, a máxima apresentou-se igual, notado que o Português Europeu possui clíticos de 3ª com movimentos longos.

“Assim, comparando o uso de clíticos e objetos nulos no PB e no PE, Kato e Raposo(2001) mostram que o objeto nulo, embora freqüente e não-marcado no original brasileiro de Paulo Coelho, aparece sistematicamente preenchido por clítico na tradução portuguesa.” Mary A, Kato (2005: 131-145).

-Edição brasileira

(8) a. Se hoje eu me tornasse um monstro e resolvesse matar ___ uma por uma ...

b. ...que contam histórias incríveis sempre nas horas que a gente quer ouvir ___

c. Estava excitado e ao mesmo tempo inseguro: talvez a menina já tivesse esquecido__.

d. Achei ___ certo dia no campo.

e. Tirou seu dinheiro do bolso e mostrou ___ ao recém-chegado.

f. Assim como eles estão, nenhum comprador vai querer comprar ___ (Paulo Coelho, 1999, O alquimista. 56a .p.26-77. RJ:Rocco)

-Edição portuguesa

- (9) a.. Se hoje eu me tornasse um monstro e resolvesse matá-las uma por uma ...
- b.. ...que contam histórias incríveis sempre nas horas que a gente as quer ouvir
- c Estava excitado e ao mesmo tempo inseguro: talvez a menina já o tivesse esquecido.
- d Achei –o certo dia no campo.
- e Tirou seu dinheiro do bolso e mostrou-o ao recém-chegado.

f Assim como eles estão, nenhum comprador vai querer comprá- los. (Paulo Coelho, 1999, O alquimista. 56a .p.32-45. RJ:Rocco) PE

A autora pontua as similaridades entre a aprendizagem da escrita e aquisição da Segunda Língua - L2:

- as duas aprendizagens são socialmente motivadas e não biologicamente determinadas 15;
- nos dois casos, o início da aprendizagem começa, em geral, depois da idade crítica para a aquisição 16;
- o processo, nos dois casos é, essencialmente consciente;
- acredita-se, nos dois casos, que o sucesso depende de dados positivos e negativos;
- em geral, o processo nas duas “aquisições” é vagaroso e não instantâneo;
- nos dois casos, há mais diferenças individuais.

Ao analisar a literatura sobre a aquisição da gramática, a autora relata hipóteses do não acesso a Gramática Universal, em que o aprendiz da Língua-I possui acesso direto a Gramática Universal, já o aprendiz da Segunda Língua, exceção do bilíngue simultâneo ou quase simultâneo, não tem acesso a Gramática Universal. A aquisição da Segunda Língua, para os aprendizes que já dominam a Língua - I, adquirida indiretamente através da Gramática Universal provinda da Língua - I.

“ a aprendizagem se dá através de um mecanismo multi-funcional, seja na visão indutiva, como a de Skinner , na visão social-comunicativa como a de Halliday ,ou em uma abordagem de resolução de problema ,como a de Piaget. Dentro dessa hipótese, passou-se a distinguir o termo “ aquisição” para L1 e “ aprendizagem” para L2” Mary A, Kato (2005: 131-145).

Já no processo de desenvolvimento da escrita, a autora sugere duas hipóteses:

a) nenhum acesso à GU, como na visão de Lenneberg (1967), para quem adquirir a fala é como desenvolver a capacidade de andar; um fenômeno biológico e aprender a escrever é um fenômeno cultural;

b) acesso indireto à GU, através da gramática da fala

A autora segue a linha de que a aprendizagem da escrita, a morfossintaxe na escola é estilística e não gramatical. Notando que Meisel (1991) denota que a aprendizagem para segunda língua se dá por regras definidas e não por princípios e parâmetros.

Hershenson (2000) compreende que na aquisição da Segunda Língua há o acesso a Gramática Universal e que as características dos parâmetros não surgem simultaneamente na aquisição da Segunda Língua, a autora remota que esse acontecimento é inerente a aquisição da Língua - I, não da Segunda Língua, apesar de que para a autora isso não interfere no acesso dos aprendizes a Gramática Universal.

- a) que os aprendizes adquirem categorias funcionais que não existem na sua L1;
- b) que não existe nenhuma gramática intermediária que seja totalmente estranha aos princípios da GU;
- c) que os aprendizes exibem conhecimentos que extrapolam o "input"; e
- d) que, em alguns casos, o estágio estabilizado (steady state) se assemelha ao do falante nativo.

Para a autora:

- a) é restrita pelos mesmos Princípios da GU,
- b) faz uso das mesmas categorias e funções (podem ser descritas pela mesma metalinguagem) e
- c) c) as opções gramaticas nelas presentes são previstas pelos Parâmetros da GU. Podemos dizer, ainda, que a visão "macro-paramétrica" – de conjunto de propriedades de um mesmo Parâmetro -- vem sendo questionada, sendo a tendência hoje por uma visão "micro-paramétrica", assentada em sub-parametrizações.

A autora conclui que com as mudanças do comportamento do Sujeito Nulo no Portugues brasileiro, existem subtipos e parâmetros que colocam o aprendiz em possibilidade de acessar sub-parâmetros, em uma construção não uniforme.

Na ausência de sub-propriedades de um parâmetro é possível que o aprendiz esteja navegando de forma que a sub-propriedade não exista, o que faz com que a hipótese sobre a relação ao acesso a Gramática Universal mude conforme relata a autora. O que leva a refletir sobre a hipótese quanto às diferenças comportamentais, que podem estar relacionadas à Proficiência, sendo a Segunda Língua possível de aquisição por imersão, imersão ambiental, e da escrita, leitura, podem ser semelhantes à aquisição da Língua - I, através de dados positivos.

A autora cita Roesper que propõe que há acessibilidade a Gramática Universal para esboçar novas Segundas Línguas, com possibilidade de criação de variações gramaticais, promovendo ao falante variações expressivas.

Ao citar Silva-Corvalán (1986), a reflexão é a de que a aquisição da Segunda Língua se dá após o aprendizado da gramática da Língua - I.

A autora conclui considerando duas hipóteses, a primeira o falante letrado possui duas gramáticas nucleares, como bilíngue "stricto sensu" tardio, a segunda que o falante letrado é bilíngue que possui uma periferia marcada de forma diferente dos não letrados, é desigual, agindo diferente do Portugues de Portugal e dos falantes do século XIX, omitindo o Sujeito Nulo, marcando a ênclise em posição inicial das sentenças. Conclui ainda a autora que a segunda hipótese corresponde ao

conhecimento do letrado e a primeira hipótese o conhecimento resultante da Segunda Língua, sendo assim ambas hipóteses remetidas ao subproduto da Gramática Universal.

2) ANÁLISE DE TEXTOS RELIGIOSOS - O DISCURSO RELIGIOSO E O SISTEMA DE CLÍTICOS PRONOMINAIS

2.1 O sistema de clíticos na gramática tradicional

Aqui a análise segue tendo por base a Gramática Tradicional, Obra “Nova Gramática do Português Contemporâneo”, por Celso Cunha & Lindley Cintra.

Os autores nos atentam para o posicionamento dos pronomes de acordo com a posição do verbo, sabemos que:

- a) Quando o pronome átono aparece depois do verbo, será *ENCLÍTICO*:

Cansei-**me**.

- b) Quando o pronome aparece antes do verbo, será *PROCLÍTICO*:

Eu **me** cansei.

- c) Quando está entre o verbo, em colocação possível nas formas do futuro do presente ou do futuro do pretérito, será *MESOCLÍTICO*:

Cansar-**me**-ei.

Cansar-**me**-ia

- d) Quando o pronome átono aparece como objeto direto ou indireto do verbo, será *ÊNCLISE*:

Agarram-na conseguindo, a muito custo, *arrastá-la* do quarto (Coelho Netto, OS, I, 43.)

Conforme os autores as regras gerais que se estabelecem são as seguintes:

1. Verbo no futuro do presente ou no futuro do pretérito, serão *PRÓCLISE* ou a *MESÓCLISE* do pronome:

Eu me contentarei.

Eu me contentaria.

Contentar-me-ei.

Contentar-me-ia.

2. Preferível a *PRÓCLISE*:

- a) Orações com palavras negativas (não, nunca, jamais, ninguém, nada,etc.) quando entre ela e o verbo não há pausa:

-**Não lhes dizia** eu?
(M.de Sá-Carneiro, CF,348.)

- b) Nas orações subordinadas desenvolvidas:

Quando **me** deitei, à meia-noite, os preços estavam à altura do pescoço.
(C. Drummond de Andrade, BV, 20.)

- c) Nas orações com pronomes e advérbios interrogativos:

Quem **me** busca a esta hora tardia?
(M.Bandeira,PP,I,406.)

De acordo com os autores tanto no Brasil quanto nas Repúblicas Africanas, admite-se:

- a) Iniciar frases com pronomes, especialmente a forma *me*:

-Me desculpe!

- b) *Próclise* em orações absolutas, principais e coordenadas não iniciadas por palavra que eija ou aconselhe tal colocação:

-Se Vossa Reverendíssima me permite, eu me sento na rede.
(J. Montello, TSL,176.)

- c) A *próclise* ao verbo principal nas locuções verbais:

Será que o pai não ia se dar ao respeito?
(Autran Dourado, SA, 68.)

2.2 O sistema de clíticos pronominais em um evento religioso: Estudo Piloto

No Brasil, de acordo com Celso Cunha & Cintra, o pronome *Vós* desapareceu da linguagem corrente, exceto em discursos enfáticos e por muito tempo, a forma normal por que os católicos portugueses e brasileiros se dirigiam a Deus, tratamento que ainda prevalece:

Pai nosso que **estais** no Céu...

Diante das reformas adota-se a forma *Tu*:

Pai nosso que **estás** no céu...

Na linguagem poética o *Tu* alterna com *Vós*, desde a época medieval e é predominante no português contemporâneo.

Não é mortal o que eu em ti adoro.
Que és tu aqui? olhar de piedade,
Gota de mel em taça de venenos...
(A. de Quental, S,3.)

“Assim diz o Senhor: Tu, Belém de Éfrata, pequenina entre mil povoados de Judá, de ti há de sair aquele que dominará em Israel.”
(Mq 5, 1-4ª)

Nota-se o uso de próclise com palavras negativas:

- a) “**Tu não quiseste** vítima nem oferendas...”

É possível que haja alternâncias no uso de Próclise e Mesóclise dentro dos textos religiosos, como se observa:

- a) “Como posso merecer que a mãe do meu Senhor **me venha** visitar?”
b) Na verdade, **vós sois** santo, ó Deus do universo...”
c) Unidos a eles, esperamos também **nós saciar-nos** eternamente da vossa glória...
d) **Lembrai-vos**, ó Pai, dos vossos filhos!
e) "**Lavai-me** totalmente de minha falta, e **purificai-me** de meu pecado."
f) “**Tu não quiseste nem te agradaram** vítimas, oferendas, holocaustos...”

Na impossibilidade de um levantamento de dados mais preciso, aqui há somente levantamentos ao analisarmos o uso de clíticos dentro do ambiente religioso:

- a) De que maneira essas colocações podem interferir no processo de aquisição da Língua - I, de um aprendiz?
b) Como o aprendiz trabalha essas questões dentro da sua Gramática Universal?
c) Seria um processo de aquisição indireta dependente do domínio prévio da Língua - I?

Supõe-se que seja possível considerar a imersão do aprendiz em tais ambientes como fatores contribuintes para o processo de aquisição e desenvolvimento da Língua -I, bem como na aprendizagem da Segunda Língua, fator que dinamiza a formação do processo de imersão no campo linguístico. O “input” deste ambiente pode fazer com que a memória cultural selecione regras carregando possibilidades de inovação e expansão a partir da influência externa.

BIBLIOGRAFIA

Folheto Povo de Deus, Arquidiocese de Brasília, CNBB, 2018-Nº 4

M. A.Marques, E. Koller, J. Teixeira & A. S.Lemos (orgs). Ciências da Linguagem: trinta anos de investigação e ensino. Braga, CEHUM (U. do Minho), 2005: 131-145.

A GRAMÁTICA DO LETRADO: QUESTÕES PARA A TEORIA GRAMATICAL1 Mary A. Kato (UNICAMP/CNPq)

Cunha, Celso & Cintra, Lindley. Nova Gramática: do português contemporâneo. Lexikon, obras de referência, 2016